

Tribuna da Imprensa - 22/7/1955



Eis como Cleo Navarro concebe um Cristo de cor. Não é racismo, é homenagem ao Congresso Eucarístico. Exposição do Cristo de cor.

Se Cristo fôsse preto

EM cerca de 60 trabalhos, expostos no Ministério da Educação os artistas brasileiros mostram sua concepção de Cristo — caso Cristo pertencesse à raça negra.

A idéia inicial foi do prof. Guerreiro Ramos, tornando-se realidade graças ao apoio de D. Helder Câmara, do Teatro Experimental do Negro e da revista "Forma". Organizou-se um concurso, ao qual mais de 100 trabalhos foram apresentados, sendo Djanira classificada em primeiro lugar.

Um álbum

Informou-nos o prof. Guerreiro Ramos que o Serviço de Documentação do Ministério da Educação, por iniciativa de seu diretor, sr. Simão Leal, vai aproveitar 32 dos melhores trabalhos para a organização de um álbum que fixa a original realização.

Abdias do Nascimento, diretor do Teatro Experimental do Negro, a cujos esforços se deve

grande parte do êxito da mostra, disse-nos:

— "O T.E.N. tomou a iniciativa de promover o concurso "Cristo de Cor", visando a criação de uma estética negra, em que os valores específicos do povo de cor fôsssem inseridos na civilização ocidental com a sua categoria própria.

Compreendemos que cultura e civilização são a contribuição que cada um pode dar para o enriquecimento do todo. Não se trata de separar o negro, porque ele já está integrado na história brasileira, mas apenas de dignificar uma cor nem sempre bem compreendida".

Ao contrário do que muita gente pensou (e ainda pensa), explicam-nos os organizadores da mostra que o objetivo pretendido não foi testemunhar um incipiente racismo do negro brasileiro.

As intenções, muito diversas, foram as de homenagear o Congresso Eucarístico.



O Cristo (negro) de Benjamim Silva e a atriz Eunice (negra). - o Teatro Experimental. Exposição do Cristo de cor.

SE CRISTO fôsse preto. [Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 22 jul. 1955]. [1] p. Artigo trazendo foto do Concurso do Cristo de Cor, de Cléo Navarro e de Benjamin Silva. Código: br_iperfro_man_doc_06

JORNAL DO BRASIL — DOMINGO, 26 DE JUNHO DE 1955

ARTES PLÁSTICAS**CRISTO NEGRO**

Está prestes a ser aberta ao público uma exposição de pintura que reúne em si a blasfêmia e o sacrilégio aliados no mau gosto. É a do Cristo Negro.

Muitos artistas, avaliando a indignidade de uma tal realização, recusaram-se a participar desse concurso. Fizeram bem.

A figura de Cristo recebeu, através das épocas, interpretações diversas, e bem verdade. Se exceptuarmos, porém, o Cristo dos primeiros séculos, essas interpretações divergiam apenas quanto ao tipo sob o qual foi executado. Os artistas nórdicos o idealizavam louro como os da sua raça, os povos latinos, macrônico, como um homem do sul. Jamais conhecobram um Cristo chinês ou sob os traços de um Pele Vermelha. Tornou-se necessário chegar-se ao descalabro dos nossos dias, as idéias de inovação que nos afligem para pretendermos fazê-lo negro, não como se fosse entalhado no ébano, conservando suas características próprias, mas de carapinha e de belpôlo disforme.

A raça negra é uma das componentes do nosso povo. Concorreu com o sacrifício de seu sangue e com seus enormes padecimento material e — por que não dize-lo? — influiu na formação do caráter brasileiro, de forma benéfica. Pelo seu exemplo de abnegação, de renúncia, de sacrifício, de bondade, a Mãe-Negra, que nos enbilhou o sono, que nos deu seu leite, foi a grande formadora do nosso coração.

Aqui não existe racismo. A idéia de um Cristo de cor é, em si, capciosa. Buscam por meio dela insuflar com artificialismo, o amor próprio de uma raça que entre nós não está excluída de nenhum direito. Se Cristo veio para salvar o gênero humano os pretos fazem parte deste gênero. Ele é a incarnação da bondade para todos os homens qualquer que seja o pigmento da sua pele.

A idéia contra a qual nos insurgimos não encontra base na tradição histórica nem apoio na tradição artística. A doce figura do Nazareno, Símbolo de Esperança e de Perdão, constituiu-se através dos séculos com feição bem definida. A iconografia de Jesus perseverou de tal forma inmutável, que todos a conhecem.

Nossos brios nacionais se revoltariam contra quem fosse bastante ousado para representar Tiradentes de short e bigodinho. Cristo pertence à Humanidade.

Não pode ser metido a ridículo.

Essa exposição que se anuncia deveria ser proibida como altamente subversiva.

Tal acontecimento realizado às vésperas do Congresso Eucarístico, foi preparado adrede para servir de pedra de escândalo e motivo de repulsa.

O nosso descontrole moral, a nossa grande falta de respeito e de bom gosto, o nosso triste estatuto da alma, não podem ser dados em espetáculo aos que nos visitam.

Damos daqui o brado de alarme.

As autoridades eclesiásticas devem, quanto antes tomar providências para impedir a realização desse atentado feito à Religião e às Artes.

O próprio povo brasileiro se sentirá chocado pela afronta feita.

Cristo é um só. Não pode ser atingido pela estupidez dos homens.

Não devem transformá-lo em ponto de discordia.

Cristo é um só!

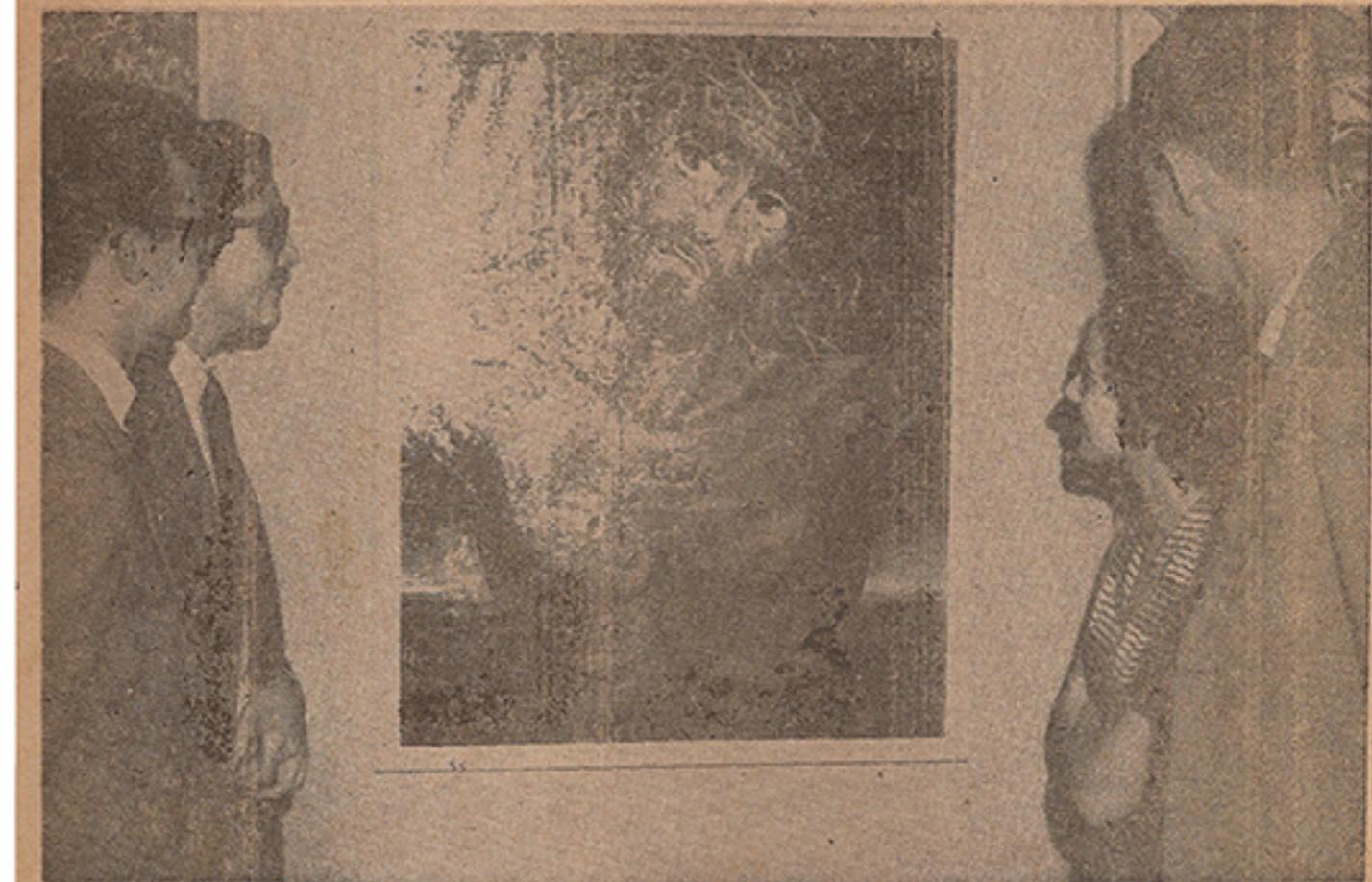
Alice Linhares Uruguay

DE SEGUNDA A DOMINGO NA A. B. I.

Realizam-se no decorrer da semana na Associação Brasileira de Imprensa as seguintes solenidades: Segunda-feira, no Auditório: às 14,30 horas, exibição de filme; às 17,30 horas, assembleia do Sindicato dos Empregados em Casas de Divertia; às 21 horas, recital; na sala do Conselho: às 20,30 horas, instalação do Congresso Nacional de Desportos; terça-feira, no Auditório: às 18 horas, conferência do Sindicato dos Economistas; às 20,30 horas, conferência Ilustrada; quarta-feira, na sala do Conselho: às 16 horas, Curso de Orientação Educacional; na sala da Diretoria: às 15,30 horas, reunião; no Auditório: às 17,30 horas, sessão de cinema da A. B. I.; quinta-feira, na sala do Conselho: às 9 horas, Curso de Orientação Educacional; no Auditório: às 17,30 horas, reunião pro-Congresso Eucarístico; às 20,30 horas, recital da Associação Artística Matilde Baião; sábado, na sala do Conselho: às 16 horas, reunião da Legião da Boa Vontade; no Auditório: às 20,30 horas, concerto da Orquestra Afro-Brasileira; domingo, no Auditório: às 20 horas, noite folclórica.

COLMEIA DE PINTORES DO BRASIL

CRISTO negro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 jun. 1955. [Coluna] Artes Plásticas. [1] p. Artigo sobre o Concurso do Cristo de Cor promovido pelo T.E.N. Código br_iperfro_man_doc_07



Visitantes da exposição Cristo de Cór contemplam a tela de Carlos Bastos

Cristo de Cór, Idéia Que Suscitou Debates Artísticos e Sociológicos

O sociólogo Guerreiro Ramos propôs ao Teatro Experimental do Negro e à revista de artes plásticas FORMA a realização de uma exposição intitulada «Cristo de Cór». Esta mostra em cujo júri participou um monge beneditino, suscitou muitas discussões. Quais os motivos da idéia? Quais os possíveis resultados artísticos? Não se estará criando um racismo nas avessas?

A exposição encerrou-se nessa semana e os debates continuam. Sucesso estético, na verdade, não houve. Muitos pintores não compareceram ou por não sentirem o tema ou por motivos diversos. Ganham os prêmios em dinheiro Djanira, Marques Sá e Carlos Bastos.

Por coincidência, a idéia dos dois primeiros foi semelhante. Colocaram Cristo nos dias atuais crucificado ou flagelado em bairros pobres, entre mulheres do povo, famintas e sofredoras. Essa concepção realista mereceu a aprovação da maioria do júri e foi realmente a mais autêntica da exposição. O Cristo negro seria,

Uma Exposição de Poucas Obras e Muitas Dúvidas — Continuará a Polêmica Em Torno das Pinturas do Concurso Forma — Teatro Experimental do Negro?

Clemente de Magalhães Bastos

(Especial para o "Diário de Notícias")

pois, um homem contemporâneo, explorado e sofredor.

RAZÕES DE SER DA EXPOSIÇÃO

Abdias do Nascimento, do T. E. N., explica os motivos estéticos e sociológicos do concurso, da seguinte maneira:

«Tudo o que fere e faz o Teatro Experimental do Negro obedece a uma orientação segura e construtiva no sentido de dignificar uma cér — a cér negra. Na contemplação da beleza negra, nessa exultação explícita e subjacente dos valores negros, a negrura não é anti-branca, não é repressiva e nem separatista. Ao contrá-

rio, pacífica e integrativa, ela oferece o que de mais universal, de mais econômico, e, pois, de mais exceito e católico existe na sua substância negra como é exemplo, feliz e atual, o concurso do «Cristo de Cór», idealizado pelo sociólogo Guerreiro Ramos e promovido conjuntamente pelo T. E. N. e pela revista «Forma».

Instituindo o concurso do «Cristo de Cór», sob as auspícios da revista «Forma», não teve o Teatro Experimental do Negro nenhum propósito de provocar discussões em torno da filosofia histórica de Jesus Cristo. Configurava, entretanto, como uma exigência da curiosidade intelectual, não só dos artistas plásticos convocados para apresentar trabalhos, como também das demais pessoas interessadas no conhecimento, a indagação a respeito da verdadeira face de Nosso Senhor Jesus. Recus a controvérsia sobre tão palpável assunto aos primeiros tempos que se seguiram à morte do Salvador. Logo após a Ascensão, os discípulos reunidos no quarto do Sítio, e afflitos por não poderem mais ver o rosto do Senhor, suplicaram ao pintor Lucas que o representasse. Mas Lucas recusou dizendo que era tarefa impossível a um homem. Mais tarde, aliás, Santo Agostinho diria que «Face do Senhor muda com a diversidade dos inúmeros pensamentos».

«Resulta, dessa rápida verificação, que o resto do Divino Mestre apresenta-se suscetível de discussões e interpretações várias. Fica definida sua problemática. Tanto que o fato da sua origem racial aran-

maleca não impedia as várias nuances étnicas da raça branca. O conceberam, ora mais próximo de descrição de Púlio Léntulo, de face rosada, longos cabelos louros, olhos azuis, nariz e lábios finos, ora o representaram plásticamente de cabelos cacheados, espessos e negros, olhos pretos, nariz longo. Unhas vítreas, belo, outras vezes feio, aterrorizante. Os asiáticos têm seu Messias de olhos oblíquos e pelo amarelecida. Todos os povos e raças com padrões culturais e estéticos autênticos, isto é, de raízes profundas na alma coletiva e na sensibilidade essencial da comunidade, são tão independentes espiritualmente que se mantêm fiéis aos seus próprios critérios na retratação do Salvador.

Por isso o Cristo Negro se projeta como o passo mais audacioso na direção de uma estética negra, de valores absolutos e totais. O sociólogo Guerreiro Ramos, que imaginou o concurso, em artigo publicado no «Diário de Notícias», diz a certa altura: «A nossa corrente idealizada de Nosso Senhor, como homem louro e de olhos azuis, reflete uma alienação estética, um autodesprezo uma atitude de subversividade, na qual renunciamos a um critério comunitário e imediato do belo e do exequo em favor de um critério estranho à vida nacional. Jesus Cristo, em sua representação natural no Brasil, não poderia nunca ser louro e nem de olhos azuis, se desejarmos ser autênticos».

CONCLUSÕES SOCIO-LOGICAS

Guerreiro Ramos está escrevendo para FORMA um ensaio com as conclusões que retira da mostra de arte. Ao contrário do nosso amigo, não pensamos que o negro, para os pintores, haja sido um assunto fechadíssimo. Pelo contrário. Ou foi pura forma obstinante (para os que não sentiram o tema) ou algo de realmente humano, mas, desprezado ou preconcebido, pretos ou brancos se igualaram em Djanira e Marques Sá.

BASTOS. Clemente de Magalhães. Cristo de Cór. Ideia que suscitou detalhes artísticos e sociológicos. Diário de Notícias, [s.l.]. 31 jul. 1955; [1] p. Artigo com fotos de visitantes do Concurso do Cristo de Cor promovido pelo T.E.N. Código: br_iperafro_man_doc_11

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO TRIGUEIRO

Guerreiro Ramos

(Especial para o "Diário de Notícias")

POR INICIATIVA do Teatro Experimental do Negro, revista FORMA está promovendo, entre pintores, um concurso para escolher os 3 melhores quadros sobre o motivo — Nosso Senhor Jesus Cristo Trigueiro. Este concurso, cuja regulamentação será divulgada pela imprensa dentro de poucos dias, deverá encerrar-se no mês de junho, a fim de que, durante o Congresso Eucarístico, isto é, no mês de julho, possam ser exibidas ao público as telas dos concorrentes.

Para que a iniciativa seja interpretada em seus justos termos parecem necessários alguns esclarecimentos.

A iniciativa é consequência de um incidente familiar. De fato, por ocasião das festas natalinas do ano passado, minha filha de cinco anos, que se educa em colégio católico, entre outras cantigas, aprendeu uma em que havia estes versos:

«Cabelos louros
Olhos azuis
És meu tesouro
Nosso Jesus».

Ouvindo-a cantar reiteradamente estes versos fui levado a refletir que deixa daquela manifestação natalina havia uma insinuação preconceituosa. E minha convicção foi reforçada ao testemunhar o espanto da criança quando lhe disse que Nosso Senhor Jesus Cristo, em sua vida terrena, não fora louro, nem tivera olhos azuis. Ao contrário, fora provavelmente um homem trigueiro, de tonalidade muito próxima da do mulato brasileiro.

Em nosso país, em que, do ponto de vista antropológico, o branco é minoria, esta idealização corrente de Nosso Senhor Jesus Cristo é duplamente digna de retificação.

Em primeiro lugar porque, como disse acima, não corresponde à verdade histórica. Sabemos que na época em que Jesus Cristo viveu na terra, as populações da Ásia Menor, onde ele nasceu, na camada dos humildes e oprimidos, se constituíram predominantemente de negros e de indivíduos morenos. As descrições dos traços naturais do Nosso Senhor Jesus Cristo são raríssimas. Os evangelistas se preocuparam sobretudo com os aspectos messianicos de Jesus Cristo. Mas há notícia de um relato elaborado

segundo as atas romanas, pelo historiador Josephus, sobre as lutas revolucionárias dos judeus, em que se descreve Nosso Senhor como um homem de tez escura, de pequena estatura, de três covados de alto, um tanto curvo, com rosto comprido, com sobrancelhas que se juntavam, nas quais podiam assustar aos que o viam, com pouco cabelo desalinhado e partido por uma raia sobre a fronte ao modo dos Nazarenos, com escassa barba, mas atuando com uma força invisível, influindo decisivamente com uma palavra, como uma ordem. Um historiador de reconhecido escrupulo profissional como Alfredo Weber não hesitou em reportar-se a esta descrição de Josephus em sua História da Cultura. (Vide edição mexicana, pág. 176).

Ora, a ser autêntica a descrição de Josephus, estava Nosso Senhor Jesus Cristo, do ponto de vista antropológico, muito mais próximo do mulato brasileiro do que do delícocefalo louro do Báltico. Dir-se-á que esta descrição dos traços físicos de Nosso Senhor Jesus Cristo estaria viciada, por força da situação existencial de Josephus, por assim dizer um judeu esculpido, da classe dominante e que se considerava cidadão romano. A esta descrição, pode-se opor a tese defendida por Tissot, segundo a qual Nosso Senhor Jesus Cristo teria sido da raça aramaica, uma raça do tronco semítico, cujos indivíduos eram de tez branca e de tipo longilíneo.

De todos os modos, é difícil admitir que Jesus Cristo tivesse sido um homem louro e de olhos azuis.

Nestas considerações não existe, por certo, nenhum subjetivismo. Não desejo dar suporte nem ao gárvismo, nem ao docetismo. Explico-me. Não há na iniciativa nenhum propósito velado de insinuar a incompatibilidade entre a religião católica e as populações de cér. Esta foi uma das teses do líder negro norte-americano, Marcus Garvey, que chegou a sugerir a necessidade de uma religião cívica para os homens de cér.

Muito mais grave ainda seria incorrer no docetismo, heresia que remonta à época apostólica e que repercutiu nos séculos II e III entre os valentianos e no século VI entre os adeptos de seitas monofílistas. Os docetas como Marcion, por exemplo, consideravam «umbra», «phantasma», o Corpo de Cristo, negava-lhe sua entidade física, e segundo eles

Jesus teria nascido e morrido apenas aparentemente. Por conseguinte, defendiam uma visão subjetiva de Jesus Cristo, inaceitável do ponto de vista objetivo, como já demonstrara no século II Santo Inácio de Antioquia.

A nossa corrente idealização de Nosso Senhor, como homem louro e de olhos azuis, reflete uma alienação estética, um autodesprezo, uma atitude de subserviência, na qual renunciamos a um critério comunitário e imediato do belo e do excepcional em favor de um

(Continua na 4.ª página)

Nosso Senhor Jesus Cristo Trigueiro

(Continuação da 2.ª página)
critério estranho à vida nacional. Jesus Cristo, em sua representação natural, no Brasil, não poderia nunca ser louro e nem de olhos azuis se desejarmos ser autênticos. Os chineses e os japoneses, povos de grande caráter, o representam à sua semelhança.

E tempo de desembargarmos a imagem do Filho de Deus da inconveniente subalternidade dos que no Brasil o pintam louro e de olhos azuis. E tempo de desmascarar a desutileza agressiva que, nos colégios e em outros lugares, se comete todos os dias ao brasileiro, um tipo antropológico escuro por excelência. Uma agressão que se serve das crianças e que, muitas vezes, as submete a dolorosas ambivalências quando confrontam a idealização do Deus-Homem e dos Santos com a realidade natural dos seus pais.

Este movimento plástico, sem dúvida, constitui um teste decisivo para a avaliação da autenticidade nacional da pintura no Brasil. Neste sentido já avançamos muito na arquitetura, no mobiliário, na decoração, dominando em que os nossos artistas têm afirmado a sua liberdade de critérios alienigenas, em que, por assim dizer, elas fizeram a opção do motivo brasileiro. E nem desconheço esforços bem sucedidos, como o de Di Cacalvanti (em pintura) e Bruno Giorgi (em escultura) na captação da beleza negra.

Mas a retratação, como homem de cér, de Nosso Senhor Jesus Cristo, é talvez o maior desafio lançado aos pintores brasileiros. Porque é necessá-

rio que o Cristo, negro ou mulato, convenga. É necessário que sua Ieronimia nada tenha de pitoresco ou bizarro. É necessário dar-lhe a nota fisionómica suscetível de impor circunspeção a quem o contempla.

Para tanto, não basta o simples domínio técnico das tintas e do desenho. Para tanto, é preciso que o pintor brasileiro seja artista, isto é, seja capaz de uma visão original. E mais ainda do que artista, é preciso que ele venha dentro de si mesmo, toda a carga de preconceito de que necessariamente é portador.

Vale a pena, enfretanto, tentar este cometimento. Ela é uma oportunidade de restituir-se à arte, em sua plenitude, o seu papel ao mesmo tempo catártico e pedagógico. Catártico enquanto liberadora de tensões e temores e, neste caso, contribuindo para eliminar no brasileiro a sua mal disfarçada vergonha de ser o que é. Pedagógico, enquanto formadora de um novo paradigma de estética social e, neste caso, contribuindo para o enobrecimento de um dado ordinário de nossa vida comunitária.

Não acredito que a iniciativa, posta nestes termos, venha a inspirar reservas.

Ao contrário, os indícios que tenho observado são animadores. Já são numerosos os artistas de valor que estão preparando os seus quadros. E nesta cidade, pelo menos numa família, é um Cristo Negro que, pendente sobre um berço, assiste, todos os dias, ao despertar e ao adormecer de uma criança... 

Díario de Notícias - 10/4/55, pp. 2+3

RAMOS, Guerreiro. Nosso Senhor Jesus Cristo Trigueiro. [Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 10 abr. 1955. [1] p. Recortes de jornal com artigo em destaque ao Concurso do Cristo Negro pelo T.E.N.
Código: br_iperfro_man_doc_13